

**TRADUZIR OU APLICAR:
AS TÉCNICAS DE PESQUISA COMO FIM OU MEIO?**

Rafael Rossi¹

Resumo

O presente texto aborda a problemática das técnicas de pesquisa na contemporaneidade. Partimos do pressuposto de que a precarização das condições materiais da sociedade regida pelo capital impactam fortemente a produção do conhecimento científico. Nesse sentido, discutimos, a partir da história e da ontologia marxiana, as diferenças ideológicas e metodológicas entre a perspectiva de “aplicação” das técnicas sobre o objeto e a perspectiva de “tradução” do movimento real do próprio objeto. Trata-se, no fundo da diferenciação entre o padrão de conhecimento instaurado pela perspectiva gnosiológica com o advento da sociedade capitalista e, por outro lado, a teoria social desenvolvida por Marx e retomada por Lukács, dentre outros.

Palavras-chave: Tradução. Aplicação. Crise Estrutural do Capital.

**TRANSLATE OR APPLY:
THE RESEARCH TECHNIQUES AS A END OR A MEAN?**

Abstract

The present text addresses the problem of contemporary research techniques. We start from the assumption that the precariousness of the material conditions of society governed by capital strongly impact the production of scientific knowledge. In this sense, we discuss, from marxian history and ontology, the ideological and methodological differences between the perspective of "application" of the techniques on the object and the perspective of "translation" of the actual movement of the object itself. It is at the bottom of the differentiation between the standard of knowledge established by the gnosiological perspective with the advent of capitalist society and, on the other hand, the social theory developed by Marx and taken up by Lukács, among others.

Keywords: Translation. Application. Structural Crisis of Capital.

¹ Professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. E-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

“Vocês contentam-se com a primeira aparência que ela lhes entrega, ou quando muito com a segunda, ou com a terceira; não é assim que procedem os lutadores vitoriosos! Esses pintores jamais vencidos não se deixam ludibriar por esses mais-ou-menos, perseveram até que a natureza se veja reduzida a mostrar-se inteiramente nua, e no seu verdadeiro espírito”.

Balzac in “A Obra-Prima Ignorada”

Quem já passou por alguma disciplina universitária de metodologia ou iniciação à pesquisa, muito provavelmente, ouviu falar sobre os famosos “procedimentos metodológicos” ou, talvez, as “técnicas de pesquisa”. É ensinada a diferença de um resumo e uma resenha “crítica”; sobre pesquisas quantitativas e qualitativas (ou, até mesmo, “quali-quantitativas”); sobre a elaboração e classificação de entrevistas (semiestruturadas etc.); determinação do público alvo a partir de algum procedimento estatístico; elaboração do “estado da arte” etc. etc. etc. A discussão, efetivamente, sobre método, de modo geral, fica completamente secundarizada. A questão é que, mesmo sendo implícita e de modo não intencional, apresenta-se “o método científico” de modo completamente a-histórico. Implicitamente, com efeito, os docentes responsáveis por estas disciplinas – mesmo imbuídos das melhores intenções e desejos – acabam por passar uma mensagem aos alunos de que a teoria é realmente algo menos relevante e que, por isso mesmo, mais importante seria investir esforços na parte “prática”, no “empírico” da pesquisa.

Não por um acaso qualquer, pesquisas “apenas teóricas” são vistas com desdém na escuridão irracional que ataca a sociedade contemporânea e, como não podia deixar de ser, também se estende nos ambientes universitários como nunca antes visto. Jovens iniciantes são treinados para coletarem seus dados e “aplicarem” o método científico. Tanto o marxismo, o estruturalismo, o pós-modernismo, etc. são ensinados, na maioria dos casos, como correntes teóricas que, ao fim e ao cabo, basta os pesquisadores apreenderem bem a “técnica” e “construírem” seu objeto e suas investigações supostamente científicas.

Qual o resultado? Esses mesmos jovens se matam (e em alguns casos literalmente, basta ver as últimas pesquisas sobre os altos índices de depressão entre estudantes universitários) em várias disciplinas que – também aqui, na maioria das

vezes – não contribuirão em nada com o seu próprio projeto. Resenhas, fichamentos, livros inteiros para supostamente serem lidos de uma semana para outra, uma infinidade de atividades e até mesmo provas! (acreditem se quiser!) marcam o cotidiano dos estudantes de uma pós-graduação. Alguns vivem de bolsas, outros trabalham e o resultado dificilmente seria outro: plágios, autoplágios, trabalhos sem coesão interna etc. Não estamos culpando os próprios estudantes por todo este cenário. Ao contrário: trata-se do período histórico atual no qual vivemos, profundamente marcado por uma crise de suas estruturas e de seu modo de funcionamento mais íntimo que, por sua vez, faz prevalecer os interesses mercadológicos na produção do conhecimento e isto é absolutamente fatal para as ciências!

Estes mesmos alunos ajeitam o seu projeto do modo como seus orientadores apreciam. Depois de cursadas as disciplinas, é a hora de ir para a prática, chega de teoria! Já foram feitos os contatos necessários com os grupos envolvidos, a papelada do comitê de ética está em andamento ou prestes a ser finalizada, os questionários ou entrevistas já foram elaborados e o software que ajudará a analisar as *representações sociais* também já está instalado no notebook. Em alguns casos, os alunos são solidários entre seus colegas de grupos de pesquisa e ajudam aquele que está na reta final a aplicar suas centenas de questionários com dezenas de perguntas (“abertas e fechadas”) em algum bairro de “exclusão social” ou em alguma “escola carente”. Em outros casos a solidariedade é praticamente inexistente e o mestrando ou doutorando terá de se virar sozinho.

Uma vez montada a tabela com todos os dados organizados e coletados é o momento da análise. Se as informações são gigantescas utiliza-se um software próprio da estatística para dar conta do recado, se não for este o caso, o bom e velho pacote “office” serve. Geram-se tabelas, quadros, mapas, gráficos de todos os tipos e isso é bem aceito socialmente, pois em geral cada um desses elementos ocupa quase meia página o que acarreta em menos texto para ser escrito. Além disso, é muito comum os membros das bancas gostarem da parte “empírica” do trabalho. A leitura deles é bem *an passant* nos capítulos teóricos.

Nas considerações finais, respaldados fortemente nos dados coletados, organizados e oriundos de uma rígida *aplicação* do método, há a apresentação das “sugestões” ou das “orientações” para um novo currículo, para melhores políticas

públicas eficazmente territorializadas, novos programas sociais etc. etc. Quando alguém do cotidiano destes pesquisadores pergunta pra quê tudo isto serviu, praticamente temos um surto de raiva. Não se pode falar abertamente que todo este esforço fora apenas pelo título de graduação, mestrado, doutorado, bolsa produtividade etc. No fundo, durante todos esses anos, acabamos realmente acreditando que é deste modo que se produz ciência. Quem poderia nos dizer o contrário? Os artigos foram aceitos em periódicos científicos com excelente avaliação, a banca nos elogiou, nossos orientadores ficaram satisfeitos, conseguimos, por fim, um cargo de docente ou pesquisador na universidade, as agências de fomento estão aprovando nossos projetos... Apenas um louco poderia afirmar que esta não é a maneira correta da produção do conhecimento.

O problema é que com o passar dos anos, verificamos que a miséria, pobreza, segregação, exclusão social, as degradantes condições do exercício da atividade pedagógica nas escolas públicas, as condições de vida dos trabalhadores (rurais e urbanos) apenas pioraram. Por vezes, pensamos que algo deve estar errado com nossas pesquisas. A resposta preponderante é: trata-se de uma falta de conscientização do Estado, trata-se deste governo, trata-se da irresponsabilidade de alguns agentes econômicos e por aí vai. O problema não estaria nas nossas pesquisas, mas na não aplicação correta, por parte do Estado ou das empresas, das grandiosas recomendações que os pesquisadores elaboram sobre a educação, os recursos naturais, a política de habitação, etc.

Pois bem prezado leitor, em linhas rápidas e gerais, esta é a irracionalidade da pesquisa contemporânea extremamente subjetivista e fragmentária. Raras são as dissertações, teses e relatórios que efetivamente produzem um conhecimento científico que interesse aos trabalhadores. Como já assinalamos anteriormente, não é uma deficiência da subjetividade, dos “sentidos e dos significados”. Antes disso: é uma questão da realidade objetiva marcada pela crise estrutural do sistema do capital (MÉSZÁROS, 2002).

2. A CRISE CONTEMPORÂNEA E A IMPOSIÇÃO DA TÉCNICA COMO FIM

A relação social que marca o capital é aquela que assenta em polos distintos, duas classes sociais antagônicas e inconciliáveis: a burguesia e os trabalhadores. É

sabido que o núcleo que fundamenta a sociedade capitalista é a extração de mais-valia do trabalho dos proletários. Para o capital, importa aumentar a exploração sobre o processo de trabalho para que mais mercadorias possam ser produzidas, mais mais-valia possa ser acumulada e a sua expansão seja garantida. Quando algum entrave aparece nesta dinâmica temos uma crise. Contudo, a crise estrutural do capital que vivenciamos, de acordo com Mészáros (2002), desde aproximadamente a década de 1970 é diferente substancialmente das demais crises cíclicas ou conjunturais que já acometeram esta forma de sociabilidade. A crise estrutural do capital atinge absolutamente todas as escalas (desde nosso corpo, passando pelo nosso bairro, cidades, estados, países e continentes) em todas as dimensões da vida humana (educação, saúde, arte, política, filosofia, ciência etc.). Cada região, espaço ou território sofrerá um impacto diferente desta crise, todavia, todos os lugares estão inseridos no amplo leque de efeitos bárbaros que emanam do apodrecimento do sistema do capital.

Do ponto de vista que nos interessa mais de perto neste texto, podemos afirmar que a crise estrutural do capital faz com que a exploração sobre a classe trabalhadora tenda a aumentar ainda mais: direitos são esfacelados, a repressão aumenta, perseguições políticas e ideológicas se intensificam etc. Como o capital possui em seu complemento a estrutura do Estado, este, por sua vez, pressiona a organização de todo o sistema de pesquisa para servir mais diretamente aos interesses do mercado e não às reais aspirações e necessidades humanas. Mesmo quando alguma descoberta é realizada ou uma nova tecnologia nos comprova a possibilidade de termos uma vida digna e sem exploração, o capital engloba estes resultados em sua lógica de reprodução ampliada. Marx já havia constatado no século XIX que “o capital é a potência econômica da sociedade burguesa, que domina tudo” (MARX, 2008, p. 267).

Havia certo pudor até pouco tempo atrás em demonstrar que esta ou aquela pesquisa serviria de interesse de alguma grande multinacional. Hoje, por outro lado, é sinal de virtude e genialidade um pesquisador ver a sua pesquisa ser assimilada por bancos, setores do agronegócio ou outros grupos econômicos. A consequência é que os mestrados tem que terminar cada vez mais rápidos, não ultrapassando 02 anos e meio; os doutorados devem ser realizados no máximo em 03 anos e espera-se que

se produza ciência em meio às atividades de trabalho, disciplinas, todo aquele trabalho “empírico” etc.

Retomamos aqui, mais uma vez, o velho ensinamento de Marx extraído do exame do processo histórico real e não inventado por um “insight”: “O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” (MARX, 2008, p. 47). É preciso tomar cuidado para não fazer uma leitura rápida desta frase. O verbo “condiciona” aqui é empregado no sentido de exercer o papel de *momento predominante*. Isto quer dizer que o modo como os seres humanos se organizam socialmente na produção das condições materiais da existência humana, coloca o campo de limites e de possibilidades para a atividade intelectual, científica ou filosófica atuar. Analisemos a situação atual: os seres humanos se relacionam entre si mediados pela produção de mercadorias. Toda a mola propulsora do capitalismo está baseada na exploração daqueles trabalhadores que transformam a natureza com o seu trabalho e produzem as condições materiais da vida em sociedade. Como esta crise é mais profunda e acentuada que as demais, a atividade científica mais do que nunca terá pouquíssimas possibilidades em produzir, de fato, um conhecimento que interesse às demandas da natureza que emana da classe trabalhadora. De modo geral o panorama será este que estamos assistindo todos os dias: relativismos de toda ordem, misticismos, subjetivismos mega-dimensionados etc. Tudo em nome da reprodução e da perpetuação da separação entre classe dominante e classe trabalhadora. Esta é, como tentam nos fazer crer, a “ordem natural das coisas”. Todo o resto, para essa perspectiva, é sinônimo de vandalismo, terrorismo e balburdia.

Este solo social em apodrecimento franco e contínuo, do ponto de vista da pesquisa, faz fortalecer as concepções de “aplicação” do método científico e da supervalorização do “empírico” nas pesquisas em detrimento do “teórico”. As técnicas de pesquisa possuem sempre seu lugar ao sol no universo acadêmico. Como ocorre com a moda, também as técnicas e as “novas metodologias” se sucedem numa velocidade espantosa: da necessidade da *multidisciplinaridade*, passamos para a *interdisciplinaridade* e desta para a *pluri* e, agora, a *trans*. Das maquetes, para os formidáveis recursos das lousas digitais... Enfim, há sempre espaço para um novo procedimento, uma nova técnica, uma nova metodológica, um novo paradigma e por aí em frente Não estamos mais num hotel à beira do abismo (LUKÁCS, 2007),

estamos já em uma acelerada queda que, por incrível que possa parecer, é aplaudida amplamente nos salões de prestígios dos eventos científicos.

3. O QUE FAZER? TRADUZIR É POSSÍVEL?

As concepções sobre a relação entre teoria e prática variam enormemente de um método para outro. Já expusemos nosso posicionamento em textos anteriores sobre esta questão (ROSSI, 2018a; 2018b; 2016.). Com isso, passaremos diretamente ao essencial do debate. Marx instaurou uma teoria social que nos explica o surgimento, desenvolvimento, a estrutura e funcionamento da sociedade capitalista. Isto quer dizer que ele seja um pensador absoluto e que todas as respostas estão em “*O Capital*”? Certamente não. Com toda tranquilidade podemos afirmar que o estudo da obra do pensador alemão é indispensável para compreendermos a realidade objetiva de hoje, entretanto, é insuficiente. E isto, por sua vez, em razão de uma questão muito simples: o capitalismo continuou. Marx morreu ao final do século XIX. Hoje o capitalismo está extremamente diferente de sua época. Todavia, isto não invalida a constatação de algumas de suas formulações. Como isso ocorre? Vejamos.

Apenas um exemplo para ilustrar nossa argumentação:

A acumulação da riqueza num polo é, portanto, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, tormento de trabalho, escravidão, ignorância, brutalização e degradação moral no pólo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital (MARX, 1996, p. 275).

Ora, vejamos a realidade contemporânea: Somente 8 homens têm a mesma riqueza que as 3,6 bilhões de pessoas mais pobres do mundo. O 1% mais rico da população detém uma riqueza maior que os outros 99% juntos! (OXFAM, 2017). Apesar das forças produtivas terem se desenvolvido, com espantoso progresso, a pobreza ainda existe de modo avassalador em nossa sociedade. A razão está justamente na lei geral da acumulação capitalista *traduzida* do processo objetivo real por Marx:

Compreende-se a insanidade da sabedoria econômica, que prega aos trabalhadores que ajustem seu número às necessidades de valorização do capital. O mecanismo da produção e acumulação capitalista ajusta constantemente esse número a essas necessidades de valorização. A

primeira palavra desse ajustamento é a criação de uma superpopulação relativa, ou exército industrial de reserva; a última palavra, a miséria de capadas sempre crescente do exército ativo de trabalhadores e o peso morto do pauperismo. (MARX, 1996, p. 274)

Ou seja: o capitalismo por si só não resolverá problema algum que a humanidade enfrenta: destruição ambiental, miséria, desemprego, fome etc. Ao contrário, estes mesmos problemas serão agravados ainda mais, colocando em risco a própria sobrevivência do gênero humano sobre a Terra. Tais problemas não são “defeitos” passíveis de correção ainda no âmbito deste sistema social controlado pelo capital. Por outro lado, são as expressões necessárias do processo de produção material regido com base na exploração do homem pelo homem.

Como Marx foi capaz de descobrir tudo isso? Será que ele aplicou centenas de questionários semiestruturados com proletários e capitalistas em toda a Inglaterra? Ironias à parte. O revolucionário alemão não estava preocupado em criar um método, mas sim, em descobrir o surgimento, a estruturação e o modo de funcionamento da sociedade capitalista. O que ele fez? Mobilizou todos os seus conhecimentos (históricos, filosóficos, artísticos e científicos) para *traduzir* o movimento real de seu objeto. Marx não “criou”, “recortou” ou “enquadrou” seu objeto. Ao contrário, ele *expressou* a dinâmica viva daquilo que estava investigando. Não se trata de aplicar um método, mas de *extrair* do objeto a sua dinâmica *essencial*. Aliás:

Deste modo, se por método se entende, como é o sentido mais comum que este conceito adquiriu a partir da perspectiva gnosiológica moderna, um conjunto de regras e procedimentos previamente estabelecidos, que podem ser apreendidos separadamente do objeto e que serão aplicados na realização do conhecimento, então, de fato, não existe método na perspectiva de Marx. (TONET, 2013, p.72)

E continua:

Trata-se, pois, para Marx, de partir não de ideias, especulações ou fantasias, mas de fatos reais, “empiricamente verificáveis”, no caso os indivíduos concretos, o que eles fazem, as relações que estabelecem entre si e as suas condições reais de existência, para então apreender as determinações essenciais que caracterizam este tipo de ser e o seu processo de reprodução. Vale a pena ressaltar que a palavra empírico tem, aqui, um sentido ontológico e não empiricista. Ou seja, quando Marx diz que estes pressupostos são empiricamente verificáveis, está enfatizando o caráter de realidade deles em contraposição às especulações produzidas apenas pelo automovimento da imaginação ou da razão. (TONET, 2013, p.79)

Engana-se, pois, quem pensa que os marxistas devem ler “apenas” Marx. Como se sabe a obra deste pensador não está completamente traduzida e o seu

volume é gigantesco. Por isso mesmo, não se trata de um simples “apenas”. Além disso, o próprio revolucionário amigo de Engels, não lia somente este ou aquele autor. Ele se apropriava do que existia de mais desenvolvido no campo das artes, da filosofia, da economia política etc. e realizava a *crítica* a estes pensadores, confrontando suas teses com as possibilidades e os entraves colocados pela própria realidade objetiva e, tudo isto, com aquele intuito de descobrir o movimento que estrutura a sociedade regida pelo capital. Netto (2009) afirma, sobre a postura de Marx em face do conhecimento que:

O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável -, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto (NETTO, 2009, p. 777)

É impossível aprofundar neste rápido texto a especificidade do padrão de conhecimento instaurado por Marx. Nosso intuito está apenas em chamar a atenção para o fato de que as pesquisas que atendem aos interesses que emanam da natureza da classe trabalhadora devem *traduzir, expressar e explicitar* a dinâmica da essência dos fenômenos e dos objetos em questão. Estamos, então, desprezando as técnicas e os diversos procedimentos metodológicos que existem e que foram elaborados ao longo da história? Não! Contudo, também não estamos “colocando o carro na frente dos bois”.

O revolucionário do século retrasado utilizava-se de várias técnicas: leitura imanente, análise documental, análise quantitativa, estatística, filosófica etc. Porém, ele empregava os instrumentos e procedimentos metodológicos como *meio* para *extrair* do objeto a sua lógica e não imputar-lhe uma oriunda de fora. Marx não fragmentava a sua análise. Para ele: a economia, a política, a arte, a ciência etc. são dimensões constitutivas da realidade humana que se determinam reciprocamente, sendo a economia, por realizar a produção material da existência social, o momento predominante, mesmo que não rígido e absoluto. As técnicas aparecem, portanto, como instrumentos. Lafargue relata o relacionamento de Marx com seus livros do seguinte modo:

Para Marx, os livros representavam instrumentos de trabalho e não objetos de luxo. Afirmava:
Os livros são meus escravos e hão de servir-me de acordo com meus desejos e com toda a pontualidade. (LAFARGUE, 2018, p.348).

Por isso mesmo que:

Neste processo, **os instrumentos – ou, se se quiser, técnicas – de pesquisa são os mais variados**, desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolha de dados, quantificação etc. **Esses instrumentos são meios de que se vale o pesquisador para “apoderar-se da matéria”**, mas não devem ser identificados com o método: instrumentos similares podem servir (e de fato servem), em escala variada, a concepções metodológicas diferentes. Cabe observar que, no mais de um século decorrido após a morte de Marx, as ciências sociais desenvolveram um enorme acervo de instrumentos (técnicas) de pesquisa, com alcances diferenciados – e todo pesquisador deve esforçar-se por conhecer este acervo, apropriar-se dele e dominar a sua utilização. (NETTO, 2009, p. 779, grifos nossos)

Portanto, a classe trabalhadora demanda pesquisas científicas que apontem para além da aparência dos objetos estudados. Este conhecimento é imprescindível para a transformação estrutural da atual forma de sociabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a classe trabalhadora possa se emancipar humanamente ela precisa acabar com a exploração sobre o processo de trabalho, pois é aí que reside o germe do Estado, das classes sociais e das desigualdades sociais. Para tanto é da mais absoluta importância que ela possa compreender *a essência, a dinâmica e a totalidade* viva que movimentam a sociedade atual.

Sem sombra de dúvida as margens disponíveis para isto hoje são extremamente restritas. As universidades cada vez mais se submetem aos interesses de expansão do capital. Nosso intuito não é ofender ninguém. Entretanto é mais do que chegada a hora de demonstrar a realidade, no seu aspecto mais íntimo. Não pinte a universidade com cores alegres, nem com flores risonhas e criaturas mágicas. Assim como Marx:

Não pinto, de modo algum, as figuras do capitalista e do proprietário fundiário com cores róseas. Mas aqui só se trata de pessoas à medida que são personificações de categorias econômicas, portadoras de determinadas relações de classe e interesses (MARX, 1996, p. 131)

Se não conseguimos *traduzir* o que de mais essencial existe na sociedade e nas dimensões que estamos estudando, então, direta ou indiretamente, estaremos prestando um grande favor às classes dominantes.

REFERÊNCIAS

LAFARGUE, P. Recordações da vida íntima de Carlos Marx. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 347-361, 2018.

LUKÁCS, G. Gran Hotel “Abismo”. In: VEDDA, M.; INFRANCA, A. **Gyorgy Lukács: Ética, Estética y Ontología**. Buenos Aires: Colihue, pp. 31-47, 2007.

MARX, K. **O Capital** – Livro Primeiro, Tomo II. São Paulo: Nova Cultural: 1996.

MARX, K. **Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

NETTO, J. P. Introdução ao método da teoria social. In: Conselho Federal de Serviço Social – CFESS; Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília – DF, p. 769-806, 2009.

OXFAM. **Queremos uma economia para todas as pessoas, não apenas para 1%**. 2017. Disponível em: <https://actions.oxfam.org/brasil/pt/actions/davos2017/?gclid=CMvNraqWzdQCFUZAhgodClcJ5w> > Último acesso: jun. 2017.

ROSSI, R. **Lukács e a Educação**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

ROSSI, R. **Ciência e Ideologia**. 2018. Disponível em: < <https://rafaelrossisite.files.wordpress.com/2018/05/art-cic3aancia-e-ideologia-revisado.pdf> > Último acesso: set. 2018.

ROSSI, R. **Nem Academicismo Burguês, nem Praticismo Infantil**. 2016. Disponível em: < <http://espacosocialista.org/portal/?p=4838> > Último acesso: dez. 2017.

TONET, I. **Método Científico – Uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.